

*Leclaire*

Lucas Zanella

Durante toda a história da humanidade, havia uma coisa que estava presente em todos os momentos: a arte.

Seja em desenhos em cavernas ou histórias ao redor da fogueira, vivemos junto da habilidade de entreter durante todo o processo evolutivo. Droga, as bactérias que éramos podiam muito bem cantar umas às outras de vez em quando. Descemos das árvores, caçamos e então construímos cidades.

A arte tomou nova forma, com fotografias e o cinema. As histórias, agora escritas, continuaram em estantes e as músicas, sem peso físico, permaneciam em nossos discos rígidos. E então vivemos dela, a consumimos e, por fim, inventamos mais.

Até que não houve mais o que inventar.

– Saberá me dizer onde fica esta plataforma? – a mulher alta e gorda mostrou-lhe o bilhete que segurava em sua mão.

– Você só precisa ir reto e dobrar à direita, senhora – ele respondeu.

Os trens flutuantes chegavam e partiam, todo dia levando passageiros novos que iriam para alguma aventura própria. Certamente não seria algo tão interessante quanto às de um filme, mas seriam deles. Miguel varria a fachada da padaria.

Era um pequeno local enfiado numa parede e perdido para o canto. Mas as pessoas pareciam achá-la com facilidade quando estavam com fome, talvez fosse o cheiro dos deliciosos pães e bolos de Teobaldo Di Perna, um imigrante que, sem fazer sucesso na Itália, foi tentar a sorte em outros países. Ele havia morado por três anos em Londres antes de ir para o Brasil, e olhe que ele continuou a não fazer muito sucesso.

Vender pães numa estação de trens não era exatamente o auge da sua carreira. Mas ele não mostrava sinal de querer ir para outro lugar. Tinha uns setenta anos, já não tinha tempo o suficiente para viajar de um lado para o outro.

Miguel Leclair era o único outro empregado da padaria Di Perna, e suas funções variavam de dia para dia. Ora ajudava a fazer pães e ora varria a fachada, que era apenas um pedaço de cimento e uma placa. Aquele era dia de varrer a calçada.

– O movimento está fraco hoje!

– Ele está fraco todos os dias, senhor Di Perna.

– Mas hoje está mais fraco do que o normal – insistiu o homem.

– Por que o senhor acha isso?

– Porque o caixa está mais leve. Deve ser por conta dessa reforma maldita... Como vou conseguir o pão de cada dia se não posso trabalhar? – o sotaque virara uma coisa com a

qual Miguel se acostumara. O garoto o encarou. – É apenas um modo de falar, Miguel. Não me refiro apenas ao pão, mas a tudo... Pare de me olhar assim.

– Já que estamos falando disso, que há com essa reforma?

– Vão expandir a estação. As plataformas para lá foram todas desligadas.

– Mas já não expandiram ano passado?

Teobaldo bufou.

– Esta merda cresce mais a cada dia. Logo, logo vai ser tão grande que vai haver mais umas trinta padarias.

– Mas nenhuma vai ter o *seu* nome, senhor – guardou a vassoura atrás da porta.

– E que merda meu nome vale? – perguntou bravo. – Mas estou num ponto da vida em que isto não importa mais. É provável que vá morrer antes de alguém me chegar e perguntar: “És tu o italiano Di Perna?”.

– Aquele Luiz Magalhães diz que a fama vai àqueles que a esperam com paciência.

– Para o inferno com este jornalista de merda – disse com desdém e voltou para a cozinha. – Espero esta merda há quarenta anos e ainda não fui picado pelo bicho, então este Magalhães pode pegar sua ideologia e enfiar tu bem sabes

onde.

Miguel lavou a mão e voltou para a lancheria, onde arrumou todas as cadeiras e desligou a televisão assim que Magalhães apareceu para comentar as notícias do dia. Era uma televisão analógica que ficava presa na parede, precisou subir num banco para apertar o botão.

Quem viu entrar foi um homem velho e magro, raivoso demais para a sua idade. Fala murmúrios como quem xinga a mãe. Miguel foi para trás do caixa.

– Com o que posso ajudar?

– Se tem uma arma, quero comprá-la – falou e olhou de olhos cerrados para um canto. – Se tem um bolo de fubá, também.

– Não vendemos armas, mas está com sorte, sobrou um pedaço do bolo – tirou-o do prato de plástico e o pôs num pires.

Servindo-se também de um café, o homem sentou numa das mesas e começou a comer. Miguel pegou um pano e tratou de limpar o balcão e, depois, as mesas. O homem vestia roupas simples, mas com um tom de formalidade. Quando o viu fazer uma pausa na comida, Miguel perguntou:

– Por que está tão nervoso?

– Vão destruir um dos bens mais preciosos da cidade apenas por conta desta ampliação.

– Se é um bem precioso, por que o destruirão?

– Porque... bom, não é precioso para todos. É algo um tanto quanto esquecido, sabe. É a antiga biblioteca, embora agora já esteja caindo aos pedaços.

– A biblioteca?

– Isso. Você sabe o que é uma biblioteca?

– Sim, claro. Não sabia que havia uma por aqui... não foram todas apagadas?

– Só se for das nossas mentes. Não, elas ainda estão por aqui e ali, apenas esperando para que alguém as redescubra. Aqui na cidade, ela é a única, mas ainda há algumas nas capitais.

– E como são os livros? – perguntou Miguel.

– São magníficos – falou com vontade. – São apenas palavras numas páginas, mas podem criar magia e heróis em apenas um punhado delas.

– São como os filmes, então? Mas sem as imagens.

O homem parou e o observou.

– Sim, são como os filmes. Como sabe? Quantos anos têm, catorze?

– quinze – corrigiu. – Eu conheço a teoria.

– Ah, sim. Uma bela teoria. Os filmes também são bons, mas prefiro os livros.

Miguel Leclair nunca antes lera um livro literário, no máximo alguns didáticos, legendas em canais estrangeiros e o jornal, que recebia toda manhã. Mas os filmes... Ele conhecia muito bem.

Havia um cinema fechado quarteirões e quarteirões de distância da civilização, mas achou vários DVDs e um projetor. Naquele dia completava um ano da descoberta, mas ainda não assistira todos. Ia para lá todo fim de semana e assistia o dia inteiro por volta de cinco filmes, e apenas parava porque precisava voltar para casa.

– Uma pena o que tenha acontecido – o homem falou para si.

Achou melhor não comentar que sabia a que se referia, afinal, na sua idade, provavelmente nenhuma outra criança havia visto ou lido algo além do que lhes era proposto. Ninguém sabia que existiam histórias sobre heróis e princesas, guerreiras e reis. Tudo aconteceu há muito tempo.

As histórias cada vez mais começavam a se repetir e se repetir, até que um dia cada linha escrita uma vez já fora lida. Não havia mais histórias para contar. E, depois de vinte anos, todo mundo perdeu o gosto pelas aventuras fictícias.

Afinal, a vida real era uma das coisas que mudava a cada dia. Pensavam assim, pelo menos. Por alguma estranha

razão não percebiam que o que diferenciava um dia do outro era apenas o número no calendário.

O sol se põe no oeste para mais tarde voltar a nascer no leste. Nas histórias, talvez nem mesmo haja um.

– Onde fica essa biblioteca? – perguntou antes de encerrar o expediente.

– Na rua logo depois da estação, na que foi apagada.

Sempre no fim do dia a estação ficava mais vazia. Ainda havia viagens sendo realizadas, mas com muito menos frequência. Pela manhã, em seu pico, por volta de mil cabeças andavam de cá para lá. Quando saiu pelos portões da frente, menos de cinquenta aguardavam o próximo trem.

Era um grande número, mas a estação era tamanha que ficava um para cada lado, raramente via-se dois sentados perto um do outro. Em sua grande maioria eram empresários que voltavam para as suas casas ou saíam delas para irem às sedes das empresas.

Dezoito da tarde de uma sexta-feira nublada, com grandes chances de chuva, como falara a mulher da previsão do tempo. Miguel pôs tudo o que precisava numa sacola plástica que encontrara na cozinha, vestira o casaco mesmo não estando muito frio.



As ruas desertas, com exceção de uma ou outra pessoa, eram cinzas por conta das nuvens negras que aos poucos davam lugar para a escuridão que a noite trazia consigo. Miguel morava num apartamentinho que lhe fora cedido pelo senhor Di Perna. Não pagava o aluguel, tecnicamente, pois o chefe lhe tirava o valor todo mês.

Nunca ele havia perguntado para onde ia todos os fins de semana. Talvez mantivesse a crença de que ia à casa de alguma namorada, seria difícil alguém realmente saber sobre a existência daquele cinema.

– Está tudo bem, senhor? – perguntou um policial.

– Tudo sim, oficial.

O homem observou o local para onde Miguel andava.

– Sabe que aquela área da cidade já foi apagada, não?

– Sei sim, eu apenas tenho algo lá que me espera.

– Pois bem. Não patrulhamos mais naquela área, gostaria de uma escolta?

– Já fiz esse caminho outras mil vezes, conheço cada canto escuro. Obrigado.

Ele assentiu e prosseguiu com sua ronda. Ver o homem fez Miguel lembrar-se de do homem de lata, embora não soubesse se pensar isso seria considerado preconceito.

Talvez revesse o filme naquele fim de semana.

O caminho certamente já conhecia. Aquela parte da cidade já entrara em desuso e ninguém morava por perto durante alguns quilômetros. Era bom, não havia vizinhos para reclamarem do volume alto.

O prédio do antigo cinema era grande, e embora agora começasse a cair aos pedaços, Miguel conseguia imaginá-lo como um dia fora no passado. A fotografia que havia encontrado certo dia também o ajudou com isso. Em frente à porta de entrada havia uma grande placa apagada com as letras garrafais: “Fora de serviço.” E, apesar do aviso, a porta abria facilmente. Miguel apenas precisou empurrá-la um pouco e deslizou para dentro.

O som de seus passos e o do balançar da sacola de plástico ecoava pelo grande salão. Tomou a escada da direita, que o levou para a sala mais limpa de todas, pois era a mais usada. Sobre a mesa havia deixado seu computador, ainda conectado e esperando para ser usado. Inseriu-lhe a bateria que trouxera na sacola e o ligou.

De uma prateleira com mais filmes do que era possível contar, tirou um dos que ainda não marcara. Sempre que assistia a um deles, fazia um pingo de tinta com a caneta. Algumas das caixas possuíam mais de sete pingos.

Colocou o filme para rodar e correu para baixo. Quando

afastou a cortina preta da sala, os logotipos de produtoras começaram a aparecer. Sentou-se no banco do meio, onde percebera que a experiência era muito melhor. Tirou da sacola plástica um pacote de pipoca e uma garrafa de água.

No fim, assistira dois filmes e era o melhor que poderia fazer naquele dia. Precisava voltar para casa antes que fosse tarde demais. Os policiais possuem GPS e são resistentes às balas de bandidos, mas Miguel certamente não era como um deles. Pôs o pé para fora e não demorou para notar a chuva, inaudível de dentro do cinema, especialmente com o volume alto dos filmes.

Fechou o casaco e xingou-se por não ter pego um com capuz. Tampouco se lembrara de pegar um guarda-chuva. Correu pela rua, seus passos batiam nos prédios inabitados e voltavam para os seus ouvidos, o som era bom, a visão também. Com aquela cena, ele mesmo poderia fazer um filme, apenas faltavam-lhe as câmeras e os atores.

E também, a história.

A água escorria pelo cabelo escuro e caía para o chão, mas não era tão fria quanto poderia ser. Quando chegou na fachada do condomínio, suas roupas estavam ensopadas.

– Da próxima vez eu juro que uso a televisão – prometeu a si mesmo ao entrar no apartamento.

Havia uma televisão onde poderia assistir aos filmes, se quisesse, mas certamente seria nada comparada à experiência do cinema, com sua tela enorme e seu som alto.

Tirava as roupas enquanto andava pelo apartamento, afinal, logo mais teria de arrumá-lo mesmo. Jogou-se debaixo do chuveiro e, após o choque térmico, aproveitou a água quente.

Na segunda-feira seguinte, fez uma rota diferente para a estação. Passou pela rua que fora apagada e começou a olhar os escombros. Saiu duas horas mais cedo e deixou uma mensagem de aviso para Di Perna. Queria ver direito como era aquele lugar e não queria se preocupar com o tempo.

A rua era um tanto quanto parecida àquela onde ficava o cinema, toda cinza, mas havia pessoas e outros sons além dos passos de Miguel. Principalmente, o de martelos e vozes.

– Será que eu poderia entrar ali? – perguntou para um dos homens da construção, eles ainda não haviam chegado perto da biblioteca.

Ele pensou por algum tempo.

– Pode, ainda não passamos para aquele local, mas tenha cuidado, o pessoal já deve ter feito marcações. E não demore muito lá dentro, entendido?

– Sim, senhor. Muito obrigado!

A porta da biblioteca já fora arrancada e colocada para o lado, mas o prédio apenas foi visto por completo quando Miguel entrou. Não era grandioso como o do cinema, mas suas paredes pareciam ser feitas de livros. A biblioteca era longa como uma serpente gigante, e havia escadas em cada lado.

No ar estava um cheiro de fumaça e, num canto afastado, o restante de um incêndio que brevemente fora controlado, pois não avançara para o resto dos livros. Havia um balcão vazio e livros espalhados pelo chão, caídos das altas prateleiras. Era como se todo o barulho do mundo houvesse ficado para trás, e agora Miguel Leclair apenas ouvia o som de páginas se movendo com o vento.

Subiu uma das escadas e pegou um livro do topo. Sentou num canto confortável e começou a lê-lo. Era um leitor rápido, como não demorou para descobrir. A pilha de livros que colocava ao seu lado crescia com rapidez, e mesmo os mais longos eram consumidos brevemente. As histórias o inspiravam e davam-lhe gostosos arrepios.

Ficou lendo por muito tempo, sem nem mesmo perceber. Quando resolveu sair, levando quatro livros consigo – eles iriam jogá-los fora, então não seria um roubo –, percebeu que o magnífico brilho do sol agora iluminava o outro lado do

mundo. No céu, uma grande bola branca tomara seu lugar e minúsculos e belos brilhos a circulavam. Lera o dia todo, e nem mesmo notara a rápida passagem do tempo.

Observou o céu estrelado como nunca antes observara e correu para dentro da biblioteca cinza novamente. Com a exceção de que agora ela era tão colorida como o jardim de um castelo. Não mudara, certamente, mas era vista com novos olhos. Miguel a via como era, como poderia a ser, como algum dia pudera ser, em tempos medievais e obscuros. Era como se um filme se desenrolasse em frente aos seus olhos, um de sua própria autoria.

– Bom dia senhor, poderia recomendar-lhe o especial da casa? – perguntou um homem alto, calvo e elegante que ficava atrás do balcão. – Apenas se dirija para aquela estante ali.

Ele apontou e Miguel seguiu com o olhar. Num dos cantos, encostados na parede de livros, havia vários sofás simples e uma estante quadrada sentada no chão, com livros nos seus quatro lados. Algumas pessoas estavam sentadas nos sofás. Ele se aproximou.

Um garçom trouxe numa bandeja de metal habilidosamente equilibrada numa mão uma taça de champanhe, que entregou para uma mulher que vestia roupas de peles e um chapéu rosa claro grande. Ela retirou o chapéu e

pousou no assento vazio ao seu lado, mostrou um cabelo dourado em um coque bem feito.

– Obrigada, Lumière – pegou a taça. – Poderia me ajudar com o menu? Não tenho certeza do que pedir.

– Bien sôr, madame – disse Lumière e pôs a bandeja debaixo dos braços. – Dizem-me que A Máquina do Tempo é muito pedido, os críticos o adoram.

– Pois já li este da última vez que vim... Não sei mais o que fazer, talvez não haja mais histórias para serem contadas – ela falou de modo polido, com um escasso de sotaque francês, enquanto Lumière o possuía em excesso.

– Madame, não se deve falar uma coisa dessas – o garçom riu. – Sempre há histórias para serem contadas, é apenas uma questão de achar a correta. E então, achar a próxima.

– Você fala como se fosse simples – falou rabugento um homem velho que baixou seu livro. – Saiba que há vinte anos procuro por uma história, mas não a acho há trinta.

– Senhor Políbio, por favor... – disse Lumière com um sorriso no rosto. – Não é questão de achá-la, é questão de criá-la.

– Criá-la? – gozou Políbio. – Não sou nenhum escritor, Lumière, quem leria algo que criasse?

– A necessidade não é que alguém a leia – Miguel interveio. – É questão de apenas escrever.

– E o que você sabe sobre livros?

– Mais do que o senhor, pelo que me parece. Se quer uma história, faça você mesmo e a terá. Agora, se apenas você ler já será grande coisa, não acha?

– Grande coisa? – caçoou. – De que serve um livro se ninguém o lê?

– Serve muito apenas por existir. Olhe, não sou um grande conhecedor das artes, mas tenho certeza de que livros têm o mesmo propósito que o cinema: entreter e, com sorte, dar à audiência algo em que pensar antes de dormir. É por isso que digo que é um grande equívoco falar que não há mais histórias a serem contadas. Sempre há histórias para contar, sempre haverá.

– Patrícia, venha cá ouvir o garoto! – a mulher gritou.

– O que há dessa vez, Emanuela? – perguntou uma mulher esguia e vestida de modo tão elegante quanto a amiga.

– Esse menino está falando que ainda há histórias que não foram contadas.

– Não seja tola, não há mais nada para ser contado. Essa é justamente a razão para a falência da Biblioteca. Olhe só, cada dia mais cinza e mais vazia.



– Pois é ele quem diz, não eu. Diga-me, menino, já contou alguma história?

– Bom, não, mas...

– Viu só? Ninguém mais consegue contar histórias, é uma arte falida – Patrícia jogou o chapéu de Emanuela para longe e sentou ao seu lado. O chapéu voou pela Biblioteca até cair na cabeça do homem atrás do balcão, que pareceu não o ter notado e continuou a falar com um freguês.

– Mas não é apenas porque não contei uma que é uma arte falida. Há histórias em tudo, mesmo que repetidas minimamente. A arte é algo tão imenso que é impossível que duas coisas se repitam por completo. Talvez já tenham escrito as frases de um livro, mas não naquela organização... é apenas questão de achar o jeito correto. Ou, ainda melhor, é apenas necessário pensar numa ainda não escrita.

– Acho difícil.

– Deixe o garoto falar, Patrícia, por que sempre tem de atrapalhar a fala dos...

– Não me diga isso, sabe muito bem que não sou uma dessas pessoas.

– Pois parece ter deixado essa pessoa para trás há quilômetros, nem a reconheço agora.

– Vamos ouvir o garoto, Emanuela.

– Concordo – disse e bufou com raiva.

– Há histórias em todo lugar que olhar, mas é difícil pensar nelas, e ainda mais difícil escrevê-las, mas no final vale a pena. Mesmo que apenas você a leia e todos os outros a ignorem – olhou para o homem rabugento, que deu um sorriso discreto. – As histórias não existem para que os outros a leiam, elas existem apenas por existir. Não pintávamos em cavernas para depois chamarmos a tribo toda, pintávamos porque era necessário.

O barulho do sino na porta aumentava na medida em que mais pessoas entravam. A maioria passava para ler um ou outro livro, alguns poucos ficavam para ver o que acontecia ali naquele canto em que Miguel estava.

– E qual a necessidade disso hoje em dia? – perguntou Políbio.

– Vocês mesmo são os que estão na Biblioteca, não já possuem a resposta? A alma precisa de histórias sobre reinos em ruínas e guerras nas estrelas pelo simples fato de que isso não acontece na vida real. Sem histórias, minha vizinha começa a olhar para as discussões que acontecem na rua; com elas, isso nem mesmo é necessário. Esse é o modo mais antigo do mundo para saber todos os passos da vida de outra pessoa, uma com a qual você se importa.

– A alma – disse o homem. – Que razão mais estúpida.

– Pois ache uma melhor – disse Miguel ao se levantar. –

E a escreva para que todos a saibam. Ou então apenas você, que importa?

Saiu da Biblioteca e correu pela rua. Entrou no apartamento tão rápido que os vizinhos botaram suas cabeças para fora das portas.

Enquanto Tchaikovsky tocava no fundo, Miguel Leclair estava sentado em sua cama, com o computador no colo. Seus dedos se moviam de modo automático, embora nunca antes houvesse digitado coisas longas naquele aparelho.

A cada folha que passava, pela impressora saíam três cópias. E se fosse idêntica a outra história? Isso realmente importava?

Mas, e ele tinha certeza, aquilo nunca antes fora visto por olhos além dos seus. Vira a história se desenrolar logo a sua frente, com todas aquelas pessoas e aquela biblioteca... Sabia das suas vidas sem nem mesmo precisar perguntar, afinal, eram fruto completo de sua imaginação. Não estava ficando louco, esperava, apenas ansioso para contar a história.

A de Políbio, o leitor em busca da história perfeita; a de Emanuela, mulher do magnífico rei Lino; a de Patrícia, irmã de

Emanuela e amante de Lino; a de Lumière, um falido maestro francês que terminou a vida sendo garçom, apenas para, em seus últimos anos, ser chamado a uma orquestra. E também havia a história de Olívio Vidal, o garoto que mudaria todo o futuro das histórias, o garoto que lembraria a todos que ainda havia coisas para contar, e sempre haveria.

O cinema era a sua paixão, mas não tinha câmeras e atores, apenas um computador com um processador de texto. Uma história não custa nada para ser escrita, e assim era mais fácil.

As pessoas iriam lê-la, uma história escrita por um garoto de quinze anos?

Tinha certeza de que o ignorariam.

Mas... E isso ao menos importa?